

Garney, José

As arábias do mundo

O GLOBO

28 MAR 1993

JOSÉ SARNEY

O país está chegando ao fundo do poço na sua capacidade de cultivar o pessimismo. Nossa auto-estima anda muito por baixo. O senhor Collor fez um mal danado, abriu uma ferida imensa na crença do país em sua capacidade para enfrentar dificuldades. Passada a euforia das caras-pintadas, da reação ao mau cheiro, do orgulho nacional de ter tido a coragem de afastar o presidente e zelar pelas instituições, surge agora a ressaca de que nada adianta nada.

Fala-se da frustração de se ter acreditado no engodo da modernidade, na demagogia, na má-fé. Todos descobrem que tiveram roubada a carteira de seus melhores propósitos. Para piorar as coisas, as publicações que surgem não ajudam a exorcizar o arrependimento. Descobrem-se coisas impensáveis. Arranca-se a capa dos segredos e, em vez de encontrarmos uma teia de aranha, surge uma fossa. Estes fatos são devastadores para a consciência popular. Desmoralizam o poder, atingem a vida pública e os homens públicos. Há uma tendência injusta e infame de nivelar. Ninguém aceita que se trate de uma exceção monstruosa que não se sabe como aconteceu, mas aconteceu. E o pior é que não vai acabar. O tempo, em vez de esquecê-lo, vai esmiuçá-lo e esta literatura de sombra

vai continuar durante muitos anos. Nela irão os historiadores buscar explicações, construir teses, bisbilhotar a natureza de tão bizarro fenômeno. Nossa provação não vai ser curta.

O Brasil teve uma fase de grande orgulho nacional. "O país do futuro!", era o que nos diziam nas escolas. Todos queríamos bem o Brasil, tínhamos afeto e amor por ele. O verde-amarelismo dos anos 20 nada mais era do que a doutrina dessa paixão. Todos julgávamos que o Brasil era destinado por Deus a não ter problemas. O povo era dócil, as aspirações eram pequenas e as elites viviam nos seus castelos de marfim. Nossas revoluções não eram sangrentas e sempre encontrávamos uma maneira de soluções brandas. O demônio de ver as injustiças desembarcou por estas plagas depois da Revolução de 30. Solto, só a força das armas o segurou nas páginas negras de 37 e a ditadura Vargas.

O após-Segunda Guerra Mundial traz até nosso país os ventos da segunda revolução industrial. Deflagra-se a marcha da urbanização acelerada. As cidades incham, cercam-se de favelas, agravam-se violência e desemprego, minguam os serviços. O caldeirão social começa a alcançar altas temperaturas. Aquele Brasil verde e amarelo, um país deitado eternamente em berço esplêndido, levanta-se agitado. Seus problemas começam a sangrar. Cresce sua população, que hoje se aproxima dos 160 milhões de habitantes.

O país moderniza-se em alguns setores. Torna-se um país industrial. Fabrica-se tudo, desde alfinetes até aviões e computadores. A palavra desenvolvimento passa a ser a grande palavra. O desenvolvimento, para ser justo, tem que ser harmônico: social, econômico, político. Não conseguimos esse equilíbrio. Há um descompasso. A economia do país cresceu, chegou a ser a oitava no mundo. Mas os indicadores sociais são tão baixos como os dos pequenos países asiáticos e africanos.

O que aconteceu nesse interregno entre o país do futuro e o país do presente problemático? Não temos resposta acabada para essa pergunta. Mas a verdade é que são posturas erradas tanto a certeza do passado num futuro fácil, como o pessimismo no presente na desgraça irremediável. Um país vive de suas realidades. Tem de passar por pulsões incontornáveis. Mas a verdade é que somos um país com grandes perspectivas. Vamos ocupar o nosso lugar. Temos imensas e quase intocáveis reservas de recursos naturais. Seremos até o fim do século a metade da população da América do Sul, um grande mercado. Temos uma base industrial forte, recursos humanos, já atravessamos o gargalo institucional que outros países ainda não transpuseram (Coreia, Taiwan, Hong Kong, Cingapura). Há uma consciência nacional de que o Estado é o harmonizador de conflitos e não o gigante das benesses. Ultrapassamos o populismo e o militarismo. Somos uma orgulhosa

democracia racial. Não temos problemas de fronteira, de nacionalismos, de religião. Enfim, não temos problemas que tornem o país inviável ou condenado à mediocridade.

Freud fez um estudo sobre a auto-estima dos povos. Escolheu o povo judeu como exemplo. De onde nasce seu orgulho, sua coesão, essa certeza de seu destino messiânico? Conclui que da descoberta de Moisés, a proclamar que o povo judeu era o eleito de Deus, e que Deus viria à Terra com a nacionalidade judaica. Essa crença manteve até hoje esse grande povo dono de seu destino e orgulhoso de sua raça. Os problemas, e quantos tiveram e têm, não lhe fizeram amargar-se pelos infortúnios.

O Brasil também tem um grande destino. Chegamos mesmo a pensar que Deus é brasileiro. E é, na razão de que o homem foi feito à sua imagem, e esta imagem é de todos os povos.

Tenhamos a coragem e a fibra dos grandes povos para enfrentar desilusões e provações. "Ame-o ou deixe-o" é slogan fascista, de intolerantes, dos fanáticos da destruição do maior de todos os sentimentos que é a paixão da Pátria. Nada de "derramar-se nas arábias do mundo", como se diz num provérbio nordestino, isto é, correr da briga. Amar o Brasil é tudo que nos resta fazer. Este mundão de terra e de gente, boa terra e boa gente.

José Sarney é membro da Academia Brasileira de Letras e senador pelo Amapá.